

QUEM É O "REVOLUCIONARIO"

SALDANHA SANCHES

José Luís Saldanha Sanches, dirigente do grupúsculo provocatório conhecido pelas iniciais M.R.P.P. aparece frequentemente a enaltecer as suas "virtudes revolucionárias", ao mesmo tempo que lança as mais abjectas calúnias e encabeça as mais vis provocações contra partidos e organizações democráticas, atacando também o Governo Provisório e o M.F.A..

Todavia, o "revolucionário" Saldanha Sanches, de facto, um traidor, um indivíduo que, em 1965, quando se encontrava na clandestinidade e era militante do P.C.P., denunciou camaradas seus à Pide, facto que até hoje se procurou ocultar. Com efeito, no auto daquela polícia política elaborado a 15 de Janeiro de 1966 na presença do inspector da Pide Fernando José Alves, do sub-inspector Adelino da Silva Tinoco e do agente escrivão José Serra, o referido Saldanha Sanches declara que "não tenho dúvidas em esclarecer alguns factos relacionados com as actividades políticas em que estava envolvido".

Declara que vivia na clandestinidade há pouco mais de um mês, tendo a seu cargo o controle da organização do P.C.P. existente na Faculdade de Direito e de alguns elementos dispersos na Faculdade de Letras. Denuncia como responsáveis da organização do P.C.P. da Faculdade de Direito, os estudantes: Mário de Carvalho e Gastão Nunes, que segundo ele usavam os pseudónimos de "Adriano" e "Albano".

Mais afirma que entrava em contacto com eles por intermédio de Maria Antonieta Martins Rodrigues Coelho, que na altura era sua namorada e que, segundo ele, usava os pseudónimos de "Daniel" e "Ana".

Vai mesmo ao ponto de indicar à polícia os locais mais frequentados pelos camaradas que denuncia, dizendo que Mário de Carvalho residia para os lados de Sapadores e Gastão Nunes costumava frequentar o Café Vá-Vá na Praça dos Estados Unidos.

Denuncia igualmente outros elementos do P.C.P. na Faculdade de Direito (um tal Custódio, aluno do 2º ano de pseudónimo "Silva", Helena Taborda, de pseudónimo "Pedro" e ainda simpaticante Helena Bruto da Costa).

Denuncia finalmente quatro membros do P.C.P. na Faculdade de Letras, a saber: Lurdes Féria, Paulo Faria com o pseudónimo "Clotilde", José Luís Casares com o pseudónimo "Cassiano", Carlos Victor Marques Durão com o pseudónimo "Bernardo" e que o Sanches afirma ser responsável pelo trabalho técnico, e também João Bernardo Maia Viegas Soares.

Portanto, em 1966, por altura da sua prisão, quando era militante do P.C.P., Saldanha Sanches, o mesmo indivíduo que hoje lança as mais abjectas calúnias contra o P.C.P. e os seus dirigentes, assim como contra outras organizações progressistas e revolucionárias, o mesmo que hoje acusa os outros de traição, traiu ele próprio, miseravelmente, denunciando à Pide os seus camaradas.

Nada há que desculpe a traição e a denúncia. Pois já o mesmo Saldanha Sanches, no auto de declarações feito perante a Pide afirma:

" Por agora, não deseja prestar mais qualquer esclarecimento acerca das suas actividades partidárias, até porque já não tem muito que esclarecer, como esta polícia poderá avaliar através dos documentos que lhe foram encontrados e nos quais se encontram anotados os pseudónimos dos membros do aludido Partido

a que se vem referindo".

Qualquer homem honesto poderá avaliar do estofe moral de indivíduos como este Saldanha Sanches, que ontem denunciava camaradas seus à pida e que hoje calunia e leva a cabo acções de arruanga e provocação contra democratas e organizações progressistas, servindo assim a reacção.

Qualquer democrata sincero saberá fazer a distinção entre os verdadeiros revolucionários (aqueles que lutaram anos e anos pelos interesses das mais largas massas e que, mesmo face às mais brutais e refinadas torturas, guardaram os segredos do seu PARTIDO e defenderam a segurança dos seus camaradas) e os pseudo-revolucionários arruaceiros e provocadores do tipo do Saldanha Sanches, que em 1966 denunciou dez dos seus camaradas.

2 de DEZEMBRO DE 1974

UM GRUPO DE MILITANTES DA U. E. C.